

História antropológica pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisador do CNPq. @ - ediatahy@secrel.com.br

Da Violência e as Questões Disputadas: existe saída? **

**Violence and the disputed questions:
is there a way out? ****

Eduardo Diatahy B. de Menezes*

RESUMO: O trabalho busca ampliar a compreensão do fenômeno da violência por outras dimensões analíticas e para tanto fará uso do depoimento pessoal do autor como alguém que labuta desde cedo com os problemas da sociedade humana. O texto adota um aprofundamento histórico e comparativo no exame de questões concernentes à violência em suas relações com o poder e a segurança pública. Destaca, ainda, a importância do conceito de violência ao se trabalhar o fenômeno. Por fim, apresenta alguns questionamentos com o objetivo de possibilitar o aprofundamento das reflexões sobre a problemática das violências vivenciadas pela população brasileira e a sociedade humana em geral.

Palavras-chave:
violência, poder, segurança pública, aprofundamento histórico-comparativo.

I Introdução

Embora pareça evidente que o interesse dominante do público deste Seminário seja a perspectiva delimitada no próprio título do evento, peço permissão para me pôr num plano diferente deste aí sugerido. Aliás, da simples leitura de sua Programação se depreende que as questões pertinentes a esse ângulo de visão dominante estão amplamente contempladas. Segundo interpreto, porque mais me convém, isso me permite adotar uma óptica mais geral que me propicie a possibilidade de capturar o fenômeno das violências por outras dimensões analíticas.

(**) Conferência proferida no II Seminário Segurança Pública e *Media*, a 1º de Setembro de 2006, em Blumenau (SC), promovido pelo Instituto de Pesquisas e Estudos em Segurança Pública, da Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa do Cidadão de Santa Catarina, em convênio com o Laboratório de Estu-

O risco de quem vem estudando e refletindo sobre temática instigante reside na possibilidade de se deixar levar pela presunção de querer dizer tudo a esse respeito. Todavia, como sei por experiência que o princípio da sabedoria está na consciência das próprias limitações, quero deixar claro desde logo que pretendo aqui, bem mais do que brasejar nessa presunção para a qual me falta competência, assumir um tom de depoimento pessoal, de quem labuta desde cedo com os problemas da sociedade humana. Por outro lado, gostaria ainda de ressaltar que me inclino a adotar um aprobe histórico e comparativo no exame dessas questões.

Talvez por uma insidiosa impregnação exercida pelo modelo evolucionista em nossas consciências, somos levados a atribuir evidência de atualidade a esses fatos. Mas sabemos que o fenômeno é tão antigo quanto o alcance da consciência histórica que possuímos. Sublinhar-lhe a atualidade é falsear-lhe a compreensão. Todavia, não parece haver dúvida sobre a existência de relativo consenso nessa afirmação e a maioria das pessoas está disposta a acreditar no incremento de manifestações de violência e criminalidade no cenário mundial e na sociedade brasileira em particular. Insisto, porém, no meu argumento de que tal fato não é novo: o que o torna mais patente hoje é, provavelmente, nossa sensibilidade mais aguda e o grau de sofisticação técnica e a brutalidade com que ele se exercita em nossos dias. Além de que tais ocorrências se tornaram hoje mais **visibilizadas** pela eficácia dos meios de comunicação e da indústria cultural que difunde e fatura sobre essa modalidade de informação.

Postas essas preliminares, vou direto ao assunto, respigando na longa seara de minha memória alguns momentos significativos para compor meu depoimento.

I

Quando jovem estudante em Paris, no longínquo ano de 1959, cheio de insatisfações com o mundo em que vivia e de sonhos de transformação de sua dura realidade, tive a sorte de conhecer pessoalmente o filósofo Paul Ricœur. Na ocasião de nosso encontro, ele me ofertou seu livro *Histoire et Vérité* (*História e Verdade*), publicado em 1955 e que guardo até hoje carinhosamente comigo; o que me permite retirar agora estas palavras impressionantes do penúltimo dos ensaios que compõem esta obra, o qual justamente se intitulava «O Homem não-violento e sua presença na História», no tópico sob a rubrica de *Tomada de consciência da violência*:

Que a violência exista desde sempre e por toda parte, basta observar como se edificam e desmoronam os impérios,

como se instalam os prestígios pessoais, como se dilaceram as religiões, como se perpetuam e se deslocam os privilégios da propriedade e do poder, e mesmo como se consolida a autoridade dos mestres do pensamento, assim como se empoleiram os desfrutes culturais das elites sobre a montanha de trabalhos e sofrimentos dos deserdados.

Não se vê jamais com bastante grandeza quando se prospecta o império da violência; eis por que uma **anatomia da guerra** que se vangloriasse de ter descoberto três ou quatro fios mais grossos a que bastasse cortar para que as marionetes militares caiam inertes sobre o palco, condenaria o pacifismo a permanecer superficial e pueril. Uma anatomia da guerra requer a tarefa mais vasta de uma **fisiologia da violência**¹.

No ano seguinte à publicação desse livro, chocou a consciência crítica do mundo, e da Europa em especial, a revolta de Budapeste (novembro de 1956), violentamente reprimida pelos tanques soviéticos, no mesmo ano em que Kruchev denunciava os crimes do stalinismo, e isso também em plena guerra da Argélia, o que revela a problemática relação entre poder e violência. Assim, «As chamadas de Budapeste», abalando convicções ideológicas de intelectuais progressistas, levaram Ricœur a elaborar uma meditação sobre isso, que ele inseriu na segunda edição dessa obra. Outras insurreições e guerras foram emergindo até os nossos dias. E tudo isso me faz evocar esta fala que Goethe atribui às Esfinges na segunda parte do **Fausto**, seu grande poema: «*Sentadas diante das pirâmides, sem pestanejar, contemplamos a vida dos povos: inundações, guerras e paz.* »

Mas retomo o fio da memória desse tempo de estudos em Paris. Nas férias universitárias, fiz longa viagem solitária por vários países da Europa, partindo inicialmente para Londres. Aí, na visita ao Museu Britânico, como nas inúmeras outras que fizera ao Louvre, chamou minha atenção a grandiosidade do acervo pilhado à Grécia e a outras nações do Mundo Antigo. Alguns anos depois, ao ler o ensaio de Walter Benjamin, *Teses sobre a filosofia da História*, registrei sua crítica a esse processo, quando afirma, referindo-se ao historicismo tradicional:

«Ora, todo aquele que domina é sempre herdeiro de todos os vencedores. A empatia para com os vencedores beneficia sempre os dominadores. (...) Como

1 Cf. RICŒUR, Paul. *Histoire et Vérité*. Paris: Seuil, 1955, p. 233. [Tradução minha].

de praxe, os despojos de tais vitórias são levados em cortejos triunfais e esses despojos são em geral o que chamamos de bens culturais. (...) Desse modo, em sua grande maioria, os monumentos da civilização são também monumentos da barbárie... »².

Já de volta ao Brasil, retorno à minha carreira de magistério, agora iniciando experiência em nível superior. Logo advêm os tempos sombrios da ditadura militar. Após várias experiências dolorosas do período, retomo aos poucos minha atividade de pesquisa, até que entre 1979 e 1980, decido quase por acaso estudar um desses famosos programas radiofônicos sobre «os bastidores policiais». Coletar dados foi relativamente fácil. Intensifiquei os estudos e a reflexão sobre o tema, de modo que na Reunião Anual da SBPC, em Salvador, no ano de 1981, apresentei uma versão preliminar dos resultados e da interpretação que pude realizar sobre «*a violência da cidade no discurso radiofônico*». O assunto parece ter despertado interesse, pois fui entrevistado por dois grandes jornais paulistas. No dia seguinte, ainda em Salvador, telefonei para casa a fim de saber notícias e meu filho mais velho, adolescente, atendeu e foi logo indagando: – «Pai, que é que você andou falando por aí?! Ligou para cá alguém de voz soturna, dizendo: “Como é que você quer morrer: com um tiro na nuca?” ». Meu filho teve a serenidade de responder: «Venha me fazer uma visita de paz; eu faço um chá e conversaremos. » Pareceu-me evidente sua origem nas forças repressoras de então.

Algum tempo depois, um fato tornou-se notícia nacional: um cidadão adulto, pobre, jogou-se do alto da torre do Canal 8, em Fortaleza, próximo à minha residência. Meia hora depois, sentei-me à máquina e escrevi um artigo, refletindo sobre essa forma de violência, de que dou a seguir alguns trechos:

Eu estava a pouco mais de quinhentos metros do local. Mas, de minha janela, por entre telhados e árvores, não vi diretamente a cena. David, meu primogênito, fora até lá, e relatou-me emocionado tudo quanto conseguiu guardar do que recolheu. Pouco importa. Mais tarde, a televisão, que tudo transforma em espetáculo, ofereceria aquele prato-cheio mesmo para quem estivesse a milhares de quilômetros de distância e provavelmente com emoção longínqua. De qualquer modo, a platéia, que aguardava jubilosa o desfecho daquela pequena história muda, o incentivava, da calçada em frente à torre da ‘TV Cidade’ (Canal 8): «Um, dois, três! Vai, salta!»; «Esse cabra merece

2 BENJAMIN, Walter. «Thèses sur la philosophie de l’histoire», in *Oeuvres*, v. 2. Paris: Denoël, 1971, pp. 280-281. [Tradução minha].

é umas pauladas p'ra deixar de palhaçada. »; «Ele tem mesmo que pular, pois se descer, vai morrer de porrada aqui embaixo.», etc. Uma senhora de elegante aparência, imitando a postura de quem vai mergulhar numa piscina, gritava: «Vai, salta assim, de bico...»; enquanto os veículos, molestados pela multidão, circulavam com dificuldade pela Avenida Desembargador Moreira, em Fortaleza.

Do alto do seu palco, a 108 metros do chão, sozinho, com sua consciência, 'João Ninguém' parecia não escutar os incentivos de seu público, que, em sua maioria, era constituído por representantes dessa pequena parcela de brasileiros que conseguem comer três ou mais refeições por dia, veste-se bem e dorme confortavelmente em habitações próprias. Entre estes, havia inclusive muitos alunos do Colégio Santo Inácio que, ao invés do espetáculo soporífero da sala de aula, preferiram aquele outro, indubitavelmente mais emocionante e cheio de suspense.

Quando, porém, João Ninguém saltou, aquela senhora desmaiou!

Passada a forte comoção em que fiquei por um bom tempo, pensei em comentar o fato. A primeira idéia que me ocorreu foi um dos motes da canção de Chico Buarque, que poderia muito bem servir de título para esta matéria: «Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego». Durante o dia todo, aquele acontecimento não me dava trégua. As idéias se me atropelavam na mente, densamente carregadas de emoção. E numa dessas reflexões soltas, não sei por quais associações, pensei em Roberto Campos, ministro do Planejamento do primeiro governo após o Golpe de 1964. Sim, porque foi ele um dos principais responsáveis pela inauguração do regime que instaurou no País o terrorismo de Estado militarizado contra as liberdades civis. De fato, numa de suas primeiras falas, ele afirmara categórico que **«havia 25 milhões de brasileiros sobrando...»**. Mas como jamais explicitou quais deveriam ser os critérios para escolha daqueles que seriam eliminados, nem, muito menos, que procedimentos seriam adotados para tanto, posso supor, com a mesma falta de ética, porém com um raciocínio logicamente coerente, que o João Ninguém que atentara contra a própria vida, saltando do alto da torre

de TV não fizera mais que realizar concretamente aquilo que estava contido na afirmação programática do também ex-Senador mato-grossense.

Mas como sou apenas um cidadão comum e, não, uma dessas maravilhosas máquinas eletrônicas, eficientes e perfeitas, voltei a me solidarizar com a tragédia de João Ninguém. Deixei de lado as análises racionais e outra vez as minhas idéias se misturavam com as emoções.

Estava assim a pensar no **Elogio à Loucura**, de Erasmo de Roterdã e a tentar extrair algum ensinamento a partir daquela ocorrência, quando a TV me trouxe a notícia de que, quinze dias após o terremoto da cidade do México (1985), as equipes de resgate localizaram, vivo, um garoto de 9 anos de idade. Espontaneamente aproximei os dois acontecimentos.

Mas que vínculo poderia unir esses dois gestos humanos, à primeira vista, diametralmente opostos? Com efeito, na sua aparência, um se apresenta como o simétrico oposto do outro. Contudo, nada nos impede de refletir um pouco mais sobre as possíveis significações desses dois eventos e procurar descobrir algum elo mais profundo que possa uni-los. Portanto, seria legítimo indagar: que estranha força, que insondável razão teria mantido vivo esse garoto mexicano, mergulhado na escuridão dos escombros, num inferno de concreto? Que misterioso impulso o teria levado a lutar contra o desespero e a crer na possibilidade de sua sobrevivência? Inversamente, no caso de João Ninguém, que se matou, assim como no de inúmeras pessoas que se suicidam, que explicação esclareceria o conjunto de motivos que arrasta a esse gesto enigmático e paroxístico? Não expressaria ele, paradoxalmente, a afirmação do desejo de existir? Não seria ele a suprema manifestação do indecifrável impulso de vida que conduziria alguém a negá-lo, contraditoriamente, quando antes já lhe negaram condições emocionais ou sociais para continuar existindo? Não residiria nesse gesto final a realização desesperada da liberdade de escolha, quando as alternativas se tornaram insuportáveis, e que poria em evidência o fato de a vida merecer ser vivida com um mínimo que seja de dignidade e de sentido? Não estaria,

porém, nessa abolição do tênue limite que sustenta a dialética entre a vida e a morte, aquele laço mais profundo que envolve esses dois acontecimentos?

O que parece definir o suicídio e o torna mais chocante e que fez por certo desmaiar aquela dama elegante que, alguns segundos antes, encarava jocosamente a figura anônima de João Ninguém é o seu caráter de gesto brusco e subitâneo. Eis por que, normalmente, não percebemos como suicidas milhares de outros seres humanos que, como João Ninguém, são levados pela ordem social vigente a escolher outros caminhos, mais lentos, porém inexoráveis, que conduzem à autodestruição, inclusive o da marginalidade e da delinquência que tende a enfrentar desesperadamente a eficácia repressiva da sociedade. E mais uma vez a razão parece estar com o sábio Pascal quando afirma que os extremos se tocam.

João Ninguém decidiu, então, que dali para frente seria ele próprio quem dirigiria o espetáculo. E João Ninguém deliberara, conscientemente, a não ser mais um mero figurante. Posto que por um fugaz momento, o espetáculo seria só seu: ele seria o criador, o produtor, o realizador, o diretor, o agente publicitário, e, sobretudo, desempenharia o papel de ator principal no centro do cenário que escolhera cuidadosamente. Daquele momento em diante, tudo dependeria de sua vontade livre e soberana. E foi, talvez, o único instante, de sua vida de cidadão sem-nome, em que não conseguiram impedir o exercício de sua liberdade. (...)

Embora longa a citação que acabo de fazer traz em si as implicações que quis ressaltar nessa modalidade aparentemente banal de violência, mas que é perversa em sua extensa recorrência.

E para concluir esta primeira parte de minha exposição à guisa de depoimento acerca de minha experiência pessoal, trago à consideração outro momento mais recente e que envolve outra forma de violência mais geral. Refiro-me ao dia 11 de Setembro de 2001 que, após uma semana de reflexão e vasta informação mediática, levou-me a escrever algo – a que dei o título «*Dies Irae Dies Illa...*», dístico latino extraído do verso inicial do hino medieval que fez parte da liturgia cristã de finados. Dou a seguir os trechos mais significativos desta reflexão:

Dies irae designava de fato o Juízo Final. Não quero, porém, atribuir a essa trágica ocorrência a significação de ruptura do 7.º selo do *Apocalipse*. Tomo esse verso como metáfora poética, pelo hábito que tenho de mergulhar em reflexão histórica sempre que me deparo com eventos do gênero. Acontecimentos históricos chocantes tendem a desvelar zonas sombrias da alma humana. Mas não pretendo fazer aqui nenhuma interpretação do fato. Já basta a pletora de textos que surgiu com tal presunção; alguns a afirmar que o século XXI se inicia nessa data, e outras tolices do estilo. Aliás, este século “nasceu” antes com a grande fraude dos que queriam vender pacotes turísticos para o reveillon de 1999, no falso intuito de saudar a chegada do novo milênio. Se somarmos a isso a massa de desinformação divulgada agora pelas grandes redes de televisão, daremos fé a nosso Marquês de Maricá (1773-1848), em suas **Reflexões sobre a Vaidade dos Homens**: «Ninguém mente tanto nem mais do que a História. »

Todavia, em tempos obscuros, de pensamento ossificado em pólos que se excluem, mais que nunca precisamos de reflexão e flexibilidade para iluminar nossa razão e nossas emoções. Face à indigente simplificação que força a optar entre G. Bush e Bin Laden, apenas desejo assinalar algumas anotações na tentativa de captar os sinais dos tempos, desta humanidade que um dia, espero, sairá de sua fase atual ainda primitiva. Tais eventos fazem da História o corpo do tempo, corpo disforme ou harmonioso segundo nosso desempenho coletivo.

Ora, quando Bush conclama a todos para uma guerra “santa” do Bem contra o Mal, ignora ou finge não saber que o mártir que sacrifica a vida para destruir símbolos adversários realiza igual proeza, com heróica perfeição. A esse propósito lembro a indagação de Durkheim: «quando alguém morre por uma bandeira, o faz por um pedaço de pano?!» Assim, fanatismos de sinais invertidos jamais comporão um diálogo.

O sistema mundial assenta sobre uma desordem estabelecida, que assegura não a prevalência do bem sobre o mal, mas o domínio e a exploração de alguns sobre muitos. Em geral, nos chocamos com o sangue derramado ante

um pelotão de fuzilamento revolucionário ou um atentado como o do WTC. Mas nossa consciência não nos imputa responsabilidade diante de um sistema que institui uma internacional da morte em amplas áreas do mundo, como na África, submetida a um genocídio de 500 anos pela ação colonialista do Ocidente cristão e civilizado.

Todos cultivam seus fanatismos. Religiosos, políticos, esportivos, etc. Mas na raiz de todos está o primeiro deles. Aliás, fanatismo vem do latim **fanum**, o lugar sagrado, o templo: conduta daquele que se crê inspirado pela divindade e defende sua convicção. Daí nascem divergências de mentalidade e intolerância. O grande exercício da sabedoria está na tolerância de conviver com o outro na sua diferença. Mas isso possui limites ambíguos, que são valores como liberdade e dignidade. Não defendo, portanto, o ato terrorista, mas busco compreender a sua presença na humana condição. Aliás, Freud, na maturidade, ao insistir no impulso de morte como constituinte essencial de nossa conduta, concluía seu ensaio **O Mal-estar na Civilização** com esta questão penosa: «só nos resta esperar que o outro dos dois ‘Poderes Celestiais’, o eterno **Eros**, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário [**Tânatos**]. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?»

Pessoalmente, nutro um sentimento trágico da vida, porém com a esperança de ganhos éticos, posto que mínimos e lentos. Os humanos somos seres desamparados que nascemos e nos construímos na dor e no gozo, no desejo e no prazer. Eis que o filósofo francês Michel Serre afirma positivamente em lúcido comentário sobre o atentado contra o WTC, de que traduzo este trecho crucial: «Conheci a 2ª Guerra Mundial e seus milhões de mortos. Hoje, algumas mortes, mesmo trágicas, nos enlouquecem. (...) É necessário pôr este acontecimento no longo curso da evolução histórica. Assim, na escala da humanidade, tal evento terrificante é um pequeno fato. É porque o homem sempre teve consciência de sua morte que se distinguiu dos animais. Esse saber capital fez nascer a cultura. Isso significa que toda tragédia cria civilização. Podemos pensar que o atentado ao WTC ajudará a construir um mundo mais justo. »

Acrescento um fato curioso em complemento: exatamente um mês após esse evento assustador, no dia 11 de Outubro, estava eu a escrever minha reação a uma entrevista *on-line*, quando se abriu uma janela no meio do texto e ao tentar apagá-la, instala-se um *vírus* que destrói cerca de 87 mil arquivos e programas e 11 anos de trabalho. Como entender esse estranho impulso que leva alguém a difundir *vírus* na rede mundial da Internet com o único intuito de fazer o mal sem saber a quem?

II

Passo à segunda vertente de meu questionamento, parte final de minha exposição, e, sem pretender abandonar meu ponto de vista comparativo e sobretudo a perspectiva histórica de longa duração como pano de fundo de minhas reflexões, tentarei chegar mais próximo de nossa realidade.

Anoto primeiramente alguns fatos que fui colhendo ao acaso nos meios de comunicação de massa ou noutras fontes, para em seguida apresentar minhas considerações finais.

«Ainda há poucas semanas, noticiou este jornal que os Guarani-Caiová de Mato Grosso do Sul ameaçavam suicidar-se coletivamente se fossem despejados das últimas terras que ocupam. Outra longa história, com suicídio atrás de suicídio, centenas deles, ano após ano. Os Guarani-Caiová não podem ser índios, porque as poucas terras que lhes restaram não lhes permitem viver como seus antepassados. Fora de sua cultura, sem qualificação específica para outra, estão condenados à triste e quase fatal trajetória de bóia-fria, alcoólatra, mendigo, louco.

“**Eu não tenho lugar**”, deixou escrito na areia, sob seus pés, um jovem índio recém-casado, que se enforcou numa árvore. » [Washington NOVAES, «A Saga perto do Fim: a questão indígena hoje», *O Estado de São Paulo*, 19/4/2002].

«No que se refere à promessa da igualdade, os países capitalistas avançados, com 21% da população mundial, controlam 78% da produção mundial de bens e serviços e consomem 75% de toda a energia produzida. (...)

Mais pessoas morreram de fome no século XX que em qualquer dos séculos precedentes. (...).

No que diz respeito à promessa de paz perpétua que Kant tão eloqüentemente formulou, enquanto no século XVIII morreram 4,4 milhões de pessoas em 68 guerras, no século XX morreram 99 milhões de pessoas em 237 guerras. Entre o século XVIII e o século XX a população mundial aumentou 3,6 vezes, enquanto os mortos nas guerras aumentaram 22,4 vezes. (...).

...a promessa de dominação da natureza foi cumprida de modo perverso sob a forma de destruição da natureza e de crise ecológica. (...) A desertificação e a falta de água são os problemas que mais vão afetar os países do Terceiro Mundo na próxima década. Um quinto da humanidade já não tem hoje acesso à água potável. » [Boaventura de Souza SANTOS. 2000: 23-24].

«Em 1872, apenas 1 milhão dos 9 milhões de brasileiros eram considerados aptos a votar, e apenas 20 mil votaram. De acordo com Richard Graham: “dessa forma, eleições e violência andavam juntas. Embora, no plano nacional, o resultado delas pudesse quase sempre ser previsto, as lutas pelo poder local tinham importância crucial para certos homens.” O controle dos juízes e dos caciques políticos decidia o resultado das eleições. Os perdedores freqüentemente eram perseguidos, e os vencedores ganhavam apadrinhamento e influência nos escalões hierárquicos superiores. Em 1920, os empregos no funcionalismo federal, estadual e municipal totalizavam cerca de 200 mil, número igual ao de votos para vencer a eleição presidencial em 1919. Desde 1945, ano em que Lula nasceu, o eleitorado brasileiro já se multiplicou por 19, passando de 5,9 milhões para 119 milhões de eleitores. Mas o parasitismo fiscal se ampliou, acompanhando o crescimento do sistema político. »[Norman GALL. 2005: 49-50].

«... as frágeis democracias latino-americanas têm seus cárceres inchados de presos. Os presos são pobres, evidentemente, porque só os pobres vão presos em países onde ninguém vai preso quando vem abaixo uma ponte recém-inaugurada, quando quebra um banco esvaziado por banqueiros ou quando desaba um edifício construído sem cimentos. Cárceres imundos, presos como sardinhas em lata: em sua grande maioria, são presos sem conde-

nação. Muitos sequer sem processo, estão ali não se sabe por quê. Comparado ao Inferno de Dante, este parece coisa de Disney. Continuamente, explodem motins nesses cárceres que fervem. Então, as forças da ordem cozinham a tiros os desordeiros e, de passagem, matam todos os que podem, com o que se alivia a pressão da superpopulação carcerária – até o próximo motim. » [E. GALEANO. Texto in Consultas: info@multimidia.com].

«PCC faz novos ataques; Polícia mata 13 suspeitos»

ESQUITAS: A ação do Primeiro Comando da Capital previa ataques a bases policiais nas regiões de Mauá e Diadema, e um ataque a ônibus que transportava agentes penitenciários para presídios do ABC. » [O POVO, Fortaleza, 27 de junho de 2006].

«*A Lenha na Fogueira*. Os estudos dão conta de que o governo federal e os estaduais são responsáveis pelo fracasso da política de direitos humanos. O extermínio patrocinado pelo PCC e o revide da Polícia paulista chegou a 500 mortos, em 15 dias. Um horror. (...).

São Paulo comprovou que o sistema carcerário ruiu. A Justiça Criminal também. A população carcerária tornou-se matriz de facções criminosas. A falta de investimentos em infra-estruturas social é a lenha da fogueira. (...). A degeneração social tem um indicador: 1 mil e 500 pessoas são presas por mês. Equivalente a 10 fábricas, com 150 funcionários cada. As organizações criminosas são um processo social. A procura do crime aumenta porque as políticas públicas fracassaram. (...). O mercado do crime tornou-se um grande negócio, apoiado nas regras libertinas de entrada e saída de capitais no Brasil e nas facilidades da lavagem de dinheiro. » [Alberto AMADEI, *O Povo*, Fortaleza, 19.06.2006].

«Júri condena PM a 543 anos por chacina no RJ»

PROCESSADOS: Além de Carlos Jorge Carvalho, serão julgados ainda outros quatro policiais militares pelos mesmos crimes do condenado. Mais dois colegas são processados por formação de quadrilha. Familiares de vítimas soltaram fogos depois da condenação. » [O POVO, Fortaleza, 24 de agosto de 2006].

«Educação contra a barbárie. Em tempos de explosão da barbárie patrocinada pelo PCC, uma pesquisa realizada pelo Ibope Opinião em São Paulo e divulgada pela revista Língua Portuguesa mediu o nível de alfabetização da população carcerária em São Paulo e chegou a resultados surpreendentes. Segundo o trabalho, a taxa de analfabetismo dos presos paulistas é de apenas 4%, contra 7% da população brasileira e 5% do Sudeste. Ao mesmo tempo em que o nível de alfabetização funcional básico da população é de 38% e a do Sudeste é de 36%, a dos presidiários de S. Paulo é de 50%. Os presos paulistas lêem e escrevem melhor que a média da população brasileira. » [Felipe ARAÚJO, O Povo, Fortaleza, 24.06.2006].

..*

Essa chocante amostra fragmentária de fatos e comentários não chega a configurar um retrato consistente de nossa realidade, porém não há como negar que o horizonte é desolador, em especial para quem não possuir perspectiva histórica.

Evidentemente, seria ingênuo ou pueril de minha parte pretender apresentar respostas acabadas a esse conjunto por vezes hediondo de nossa organização sociopolítica em suas contradições e fragilidades, que guardam a aparência de perpetuidade. Aliás, assumi desde o início, deliberadamente, que meu papel aqui é de apresentar questionamentos que proporcionem a possibilidade de aprofundar nossas reflexões sobre a problemática de nossas violências.

Tentar decifrar a questão da violência entre os humanos é exercitar mergulhos no próprio enigma da espécie, tal a intensidade do vínculo entre essa dimensão da humana condição e de nossa própria ontologia in fieri de ser histórico-cultural. O homem é um sendo, de quem Ortega y Gasset costumava dizer: «*más que biología, el hombre es biografía*».

Por isso mesmo, não dispomos até hoje de uma teoria suficientemente consistente e de fundamento rigoroso que dê conta dessa problemática simultaneamente permanente e mutante, universal e singular. Mesmo o esforço interdisciplinar ou, antes, multidisciplinar, se debate com dificuldades intransponíveis. Por outro lado, nossos automatismos mentais fazem com que nossas concepções de violência sejam na verdade produtos etnocêntricos ou mera visão ilusória da classe a que se pertence.

Eis por que a essa decifração dedicam-se tanto especialistas das Ciências ditas do Homem, ou seja, cientistas políticos, historiadores, arqueólogos, antropólogos, sociólogos, pensadores sociais, filósofos, teólogos, psicanalistas, etologistas e mesmo biólogos, ensaístas e ficcionistas, bem como bioquímicos e neurofisiologistas (à cata dos fatores genéticos e hormonais ou dos fundamentos neurológicos da violência). Cito ao acaso: Paulo Sérgio Pinheiro, Toynbee e Hobsbawm, Michel de Certeau, Leroi-Gaourhan, Pierre Clastres, Michel Maffesoli, Hannah Arendt, Foucault, Congar, Freud, Jaspers e Laing, K. Lorenz e Tinbergen, W. Benjamin, René Girard, Elias Canetti, etc., para mencionar apenas alguns dos inumeráveis estudiosos do tema. Uma multiplicidade de especialistas tão variada quanto as formas de violência.

Uma das primeiras tarefas, porém, dos que pretendem debruçar-se sobre o fenômeno reside no *trabalho do conceito*. Com efeito, que coisas, que atos ou que eventos recobre essa noção de *violência*? A que fatos queremos nos referir quando empregamos tal termo? Qual a criteriologia a ser adotada para sua delimitação? Que tipologia nos ajudaria a ampliar nossa compreensão a seu respeito? Quais os mecanismos socioculturais da produção social de sua significação? Em que circunstâncias um ato definido como violento, numa situação, pode mudar radicalmente de sentido ao ser inserido noutra totalidade sociocultural? E mais do que um objeto para reflexão, a violência está inscrita na linguagem que nos institui e no lugar social de onde falamos.

Estas e outras muitas indagações exigem uma reflexão sistemática e primordial para a elaboração de explicação e interpretação dessa problemática desmesuradamente desafiadora. No entanto, sequer possuímos uma definição consistente do termo. Os dicionários da língua no máximo falam da violência *física* e do uso da *força* para constranger a conduta de outrem; ou então fornecem sua definição legal. *Violência* – não a *coisa*, mas o *termo* – só entra em nossa língua no século XIV. Ele possui uma etimologia no mínimo curiosa: vem do latim, *violentia*, ae, que significava a violência ou impetuosidade do vento, o ardor do sol, o arrebatamento, o caráter violento, a ferocidade, a sanha, o rigor, a severidade, o furor. Na origem, pois, o termo referia-se mais ao aspecto físico, à ação contrária à ordem da natureza; por isso, Aristóteles distinguia o movimento *segundo a natureza* e o movimento *por violência*: o primeiro leva os elementos ao seu lugar natural, enquanto o segundo os afasta. Só posteriormente o termo passa a ser atribuído à ação contrária à ordem moral, jurídica ou política. Aí, assume também sua dimensão psicológica e simbólica, multiplicando sua variedade para formas mais subtis. Só então permite o uso de uma linguagem mais subjetiva e poderemos então dizer que alguém *cometeu* ou *sofreu* violência.

Ora, a despeito das generosas intenções dos que porfiam na luta por soluções desse desafio, estas permanecem sendo derrotadas na voragem dos fatos. Já Hesíodo (séc. VIII a.C), na *Teogonia*, ao relatar a poética versão masculina da origem do Mal, no mito de Prometeu e Pandora, nos advertia que a **esperança** era o que restava aos pobres mortais no fundo da caixa de Pandora, depois que esta a abriu, soltando as monstruosidades que continha...

Assim, como sugere o título desta conferência, pretendo apenas dar minha contribuição para o debate deste Seminário, acrescentando mais algumas considerações, baseadas em minhas próprias reflexões e naquelas fornecidas pelos que tentam apresentar interpretações válidas dessa ordem de fenômenos. Assinale-se desde logo que todo esforço de compreensão e explicação da violência humana traz implícita uma concepção da especificidade do homem. Ora, qualquer que seja a natureza disso que chamamos de «**natureza humana**», ela não está dada desde um início primordial, mas sim, resulta de uma **construção histórica**.

Em suma, esquematicamente, poderíamos afirmar, sem cometer grande “violência” teórica e epistemológica, que as grandes interpretações formuladas até hoje sobre essa problemática deitam suas raízes em três fontes principais. Consoante o entendimento de **Hobbes**, «**a guerra de todos contra todos**» definiria o estado de natureza e nos ajuda a compreender o que queremos dizer com a noção de violência. Sua concepção assenta em quatro proposições fundamentais. Em primeiro lugar, ‘todos os homens são movidos pelos mesmos desejos’. Em seguida, ‘tais desejos são déspotas impiedosos, ou porque constituem a contrapartida subjetiva de necessidades orgânicas poderosas, ou porque a sua satisfação é, só por si, um motivo suficiente para buscar a renovação’. Em terceiro lugar, ‘os bens ou objetos capazes de satisfazer tais desejos compõem a cada momento um estoque finito’. E enfim, ‘da combinação do **desejo** e da **raridade**, provém permanente concorrência entre os seres humanos’.

Esse esquema de pensamento pessimista ressurgue de alguma forma na concepção de **Freud** acerca da gênese da personalidade do adulto: primeiramente, até que seja resolvido o conflito edipiano, a criança age em função do desejo de assegurar para seu uso exclusivo o afeto da mãe; em segundo lugar, esse desejo a envolve num duplo conflito – de um lado, com os irmãos e irmãs, e, de outro, com os pais; em seguida, em face do *princípio de realidade*, esse conflito que, geralmente, tende para uma saída pela socialização, pode ser acompanhado no inconsciente individual do desejo de eliminar aqueles que se opõem à realização daquilo que foi recalcado; e enfim, mesmo no adulto, tal desejo pode ser «reativado» em face das frustrações e agressões a que o indivíduo se expõe em sua existência.

Portanto, em conjunto, nessa esquematização sumária, manifestam-se os temas de certa onipotência do *desejo* ou de seu caráter insaciável, da *raridade* dos bens susceptíveis de satisfazê-lo, da *concorrência* que pode degenerar numa luta mortífera. Além disso, é possível nela reconhecer a idéia de que a ordem social é uma espécie de arbitragem que poderá assegurar a paz coletiva pela mútua renúncia de cada um ao teor indefinido de seu desejo. Aparentemente, tal esquema se acha também no modelo de **Marx**, pelo menos no que tange à «pré-história da Humanidade»: a saber, a mesma raridade dos bens, a mesma homogeneidade das necessidades, a mesma concorrência desabrida. Todavia, a concepção marxista se distingue do modelo hobbesiano em dois aspectos fundamentais: a violência nele não é entendida como estado natural, é antes uma característica do estado social pervertido pela apropriação dos meios de produção. Visto que a concorrência entre os humanos é de origem social, e que se exprime mediante normas institucionais referentes à remuneração do trabalho, à determinação do lucro, à apropriação dos meios de produção, deve-se falar não de «guerra de todos contra todos», mas de «luta de classes». Daí resulta que, uma vez tendo sido resolvida tal luta pela expropriação dos expropriadores, a violência que caracterizou a «pré-história da Humanidade» deverá desaparecer junto com suas causas³.

Obviamente, este esboço esquemático que está na raiz de nossas discussões sobre as violências não contempla todo o vasto conjunto de outros aspectos relevantes do debate. Só a ampla discussão das relações entre **violência** e **cidade**, com a significativa produção de estudos realizados por arquitetos e urbanistas, antropólogos e sociólogos abriria outra vertente de reflexões e ações que sequer ousei mencionar. Por sua vez, a densa tradição de estudos sobre a relação entre **violência** e **poder**, desde os clássicos da antiguidade, passando pela glorificação da violência por parte de pensadores revolucionários (pelo menos de Sorel a Marcuse), e mais as contribuições de cientistas políticos e pensadores críticos (como Arendt e Foucault), tudo isso constitui outra corrente de questionamentos.

Mas devo concluir minha exposição que já vai longa. E dizer que sempre, por toda parte e em todos os tempos, uma variedade de formas da violência tende a estar presente no horizonte da vida social e individual dos seres humanos. Como administrar nossas divergências, hostilidades, agressividades e diferenças de forma mais sábia ou reduzi-las a expressões mais homeopáticas? Que políticas públicas e ações afirmativas tornariam mais justas nossa sociedade? Eis o grande enigma e o nosso desafio de seres supostamente racionais e capazes de compaixão.

3 No conjunto dessa esquematização das fontes teóricas da explicação da violência, eu me utilizei da análise de R. BOUDON e F. BOURRICAUD. *Dictionnaire Critique de la Sociologie*. Paris: PUF, 1986.

ABSTRACT: The work aims to enhance understanding of the phenomenon of violence by other analytical dimensions and both will use the personal testimony of the author as someone who toil early with the problems of human society. The paper takes an approach historical and comparative examination of issues pertaining to violence in their relationships with the power and security. It also emphasizes the importance of the concept of violence by working the phenomenon. Finally, it presents some issues with the goal of providing in-depth reflections on the problem of violence experienced by the Brazilian population and human society in general.

Artigo

Recebido: 13/01/2010

Aprovado: 27/02/2010

Keywords: violence, power, public safety, historical and comparative approach.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças:

- 2002 *Violência nas Escolas*. Brasília: UNESCO. [Apoio: CNPq, Usaid, Unaid, Consed, Undime, Banco Mundial, Fundação Ford, Inst. Ayrton Senna, Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça].

ALBORNOZ, Suzana:

- 2000 *Violência ou Não-Violência* – um estudo em torno de Ernst Bloch. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISCS.

ARENDT, Hannah:

- 1967 *Essai sur la Révolution*. Paris: Gallimard.
1989 *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
1994 *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

ARISTÓTELES:

- S/d. *A Política*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

ARON, Raymond:

- 1962 *Paix et Guerre entre les Nations*. Paris: Calman-Lévy.
1965 *Démocratie et Totalitarisme*. Paris: Gallimard.
1973 *Histoire et dialectique de la Violence*. Paris: Gallimard.

BAECHLER, Jean:

- 1970 *Les Phénomènes Révolutionnaires*. Paris: PUF.

BARRETO, Djalma L. G.:

- 1975 *Violência, Arquétipo e Lei*. Petrópolis: Vozes.

BAROIS, Roland et Al.:

- 1968 *Violence Humaine*. Paris: Editions du Centurion.

BARUK, Henri:

1958 *La Psychiatrie Sociale*. Paris: PUF.

BAUDOIN, Charles et Al.:

1963 *Dialogue ou Violence?* Rencontres Intern. de Genève-1963. Neuchâtel: La Baconnière.

BENEVIDES, Maria Victoria:

1983 *Violência, Povo e Polícia*. Violência urbana no noticiário da imprensa. São Paulo: Cedec / Brasiliense.

BENJAMIN, Walter:

1971 “Pour une critique de la Violence”, *Œuvres I: Mythe et Violence*. Paris: Denoël, p. 122-148.

BLOCH, Ernst:

1975 *Thomas Münzer – Théologien de la révolution*. Coll. 10/18. Paris: René Julliard.

BOUTHOU, Gaston:

1970 *Traité de Polémologie. Sociologie des guerres*. Paris: Payot.

Cadernos CERIS:

2001 *Violência, Sociedade e Cultura*, Ano I, nº 1, abril.

CAHIERS JUSSIEU /5. Université de Paris VII:

1979 *Les Marginaux et les Exclus dans l'Histoire*. Coll. 10/18. Paris: UGE.

CANDIDO, Antonio:

1980 «A Verdade da Repressão», in: *Teresina etc*. Rio: Paz e Terra, p. 113-118.

CANNETTI, Elias:

1983 *Massa e Poder*. São Paulo: Melhoramentos.

CARAM, Dalto:

1978 *Violência na Sociedade Contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

CARVALHO FILHO, Benedito José de:

2006 *Depois das Muralhas e Grades*. Rio – S. Paulo – Fortaleza: ABC.

CAVALCANTI, Nireu:

1986 *Construindo a Violência Urbana*. Rio de Janeiro: Madana Editora.

CERQUEIRA, Marcelo:

1980 «Raízes da Violência», *Encont. com a Civiliz. Brasileira*, n° 24: p. 189-200.

CLASTRES, Pierre:

1976 *La Société contre l'État*. Recherches d'Anthropologie Politique. Paris: Minuit.

1980 «Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas», in: CLASTRES, P. et Al.: *Guerra, Religião e Poder* (tr. port.). Lisboa: Edições 70, p. 11-47. [Ensaio crucial e o livro todo contém ensaios fundamentais sobre violência e guerra].

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO:

1996 *A Violência contra os Povos Indígenas no Brasil: 1994-1995*. Brasília: Cimi.

CONCILIUM (revista internacional de Teologia):

1997 *Religião – Fonte de Violência?* **Concilium**, 272/4. [Com artigos de vários Teólogos].

DE CERTEAU, Michel:

1974 «Le Language de la Violence», in: *La Culture au Pluriel*, coll. 10/18. Paris: UGE.

DUMAS, A. et Al.:

1968 *À la Recherche d'une Théologie de la Violence*. Paris: Les Édit. du Cerf.

ENGELS, F.:

1972 *Théorie de la Violence* (textos apresentados por Gilbert Mury). Coll. 10/18. Paris: UGE.

1979 *Anti-Dühring*, 2ª ed. Rio: Paz e Terra.

FANON, Frantz:

1966 *Les Damnés de la Terre*. Préface de Jean-Paul Sartre. Paris: François Maspero.

FAULSTICH, Enilde L. de J.:

- 1980 *Lexicologia: a linguagem do noticiário policial*. Brasília: Horizonte Edit. Ltda.

FERNANDES, Florestan:

- 1970 *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. São Paulo: Pioneira.

FISCHER, Rosa Maria:

- 1985 *O Direito da População à Segurança*. Cidadania e violência urbana. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, Michel:

- 1977 *Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes.
- 1979 *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

FREUD, Sigmund:

- 1973 *Consideraciones de Actualidad sobre la Guerra y la Muerte* [1915], *Obras Completas*, tomo II. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, pp. 2101-2117.
- 1973 *El Malestar en la Cultura* [1930], *Obras Completas*, tomo III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, pp. 3017-3067.
- 1973 *El Porqué de la Guerra* [1932], *Obras Completas*, tomo III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, pp. 3207-3215.

FREUND, Julien:

- 1978 *Utopie et Violence*. Paris: Marcel Rivière et Cie.

GALL, Norman:

- 2005 *Lula e Mefistófeles*. S. Paulo: A Girafa.

GIRARD, René:

- 1972 *La Violence et le Sacré*. Paris: Grasset.
- 1986 *Le Bouc Émissaire*. Paris: Grasset.
- 1988 *La Route Antique des Hommes Pervers*. Paris: Grasset.

GUIMARÃES, Alberto Passos:

- 1981 *As Classes Perigosas – Banditismo urbano e rural*. Rio de Janeiro: Graal.

HALL, Edward T.:

- 1977 *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

HOBBS, Thomas:

- 1974 *Leviatã*. Col. «Os Pensadores». São Paulo: Victor Civita.

HOBBS, Eric:

- 1978 «Humanismo e Barbárie: Terrorismo neste final de século», *Encontros com a Civil. Brasil.*, n.º 1: 23-32.

JASPERS, Karl:

- 1958 *A Bomba Atômica e o Futuro da Humanidade*. Rio de Janeiro: Agir.

LAING, R. D. y COOPER, D. G.:

- 1969 *Razón y Violencia*. Buenos Aires: Paidós.

LANNOY, Jacques D. de et FEYEREISEN, Pierre:

- 1987 *L'Éthologie Humaine*. Paris: PUF.

LEROI-GOURHAN, André:

- 1945 *Évolution et Techniques – Tome I: L'Homme et la Matière*. Paris: Albin Michel.

- 1950 *Évolution et Techniques – Tome II: Milieu et Techniques*. Paris: Albin Michel.

LINS, Ronaldo Lima:

- 1969 «Um novo Personagem: o Homem Violento», *Encontros com a Civil. Brasil.* n.º 24: 201-10.

LIPSET, Seymour M.:

- 1963 *L'Homme Politique*. Paris: Seuil.

LOBO, Sônia (org.):

- 2003 *Violência – Um estudo psicanalítico e multidisciplinar*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha.

LORENZ, Konrad:

1969 *L'Agression – une histoire naturelle du Mal*. Paris: Flammarion.

1973 *Civilização e Pecado*. Os oito pecados capitais do homem moderno. Rio: Artenova.

MAFFESOLI, Michel et Alain PESSIN:

1978 *La Violence Fondatrice*. Paris: Edit. du Champ Urbain.

MAFFESOLI, Michel:

1978 *Lógica da Dominação*. Rio de Janeiro: Zahar

1979 *La Violence Totalitaire – essai d'anthropologie politique*. Paris: PUF

1987 *Dinâmica da Violência*. São Paulo: Vértice.

MENANDRO, P. Rogério M.:

1979 «Um levantamento dos fatores responsáveis pela violência policial», *Encontr. com a Civ. Brasil.*, nº 11: 141-50.

MONTESQUIEU:

1962 *Do Espírito das Leis*, 2 vols. «Clássicos Garnier». São Paulo: Difel.

MOTTA, Dílson e Michel MISSE:

1979 *Crime: o social pela culatra*. Rio: Achiamé.

PEDRAZZINI, Yves:

2006 *A Violência das Cidades*. Petrópolis: Vozes.

PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.):

1983 *Crime, Violência e Poder*. São Paulo: Brasiliense.

PINHEIRO, Paulo Sérgio:

1984 *Escritos Indignados*. Polícia, Prisões e Política no Estado Autoritário (no 20º Aniversário do Regime de Exceção, 1964-1984). Ensaio crítico de Roberto Romano. São Paulo: Brasiliense.

PLATÃO:

1963 *A República*, 2 vols. «Clássicos Garnier». São Paulo: Difel.

QUINNEY, Richard:

1980 «Controle do crime na Sociedade Capitalista: uma Filosofia Crítica da Ordem Legal», *Encontr. com a Civ. Brasil.*, nº 24: 165-88.

RAMALHO, José Ricardo:

1979 *Mundo do Crime – A ordem pelo avesso*. Rio de Janeiro: Graal.

RÉMY, Jean – VOYÉ, L.:

1981 *Ville, Ordre et Violence*. Formes spatiales et transations sociales. Paris: PUF.

RELIGIÃO & SOCIEDADE, revista:

1990 «Violência». Rio de Janeiro: ISER, vol. 15, nº 1. [Artigos de: José Jorge de Carvalho, M^a Elizabeth Torres Queiroz, Alba Zaluar, Antônio Luiz Paixão, Sérgio Carrara, e entrevista com Chaim Samuel Katz; além de textos clássicos de Freud, Jean Genet, Walter Benjamin e Hanna Arendt; e um documento de Paulo Lins e M^a de Lourdes da Silva: «Bandidos e Evangélicos: Extremos que se tocam»].

REVUE FRANÇAISE DE SOCIOLOGIE:

1984 (Dossier): *Crime et Société*. Paris: CNRS, XXV – 4.

ROUSSEAU, Jean-Jacques:

1962 *Du Contrat Social*. Paris: Garnier Frères.

1976 *Discurso sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. Lisboa: Europa-América.

SAHLINS, Marshall:

1980 *Critique de la Sociobiologie*. Aspects anthropologiques. Paris: Gallimard.

SANTILLO, Henrique:

1980 «Violência e Criminalidade ou das Transformações Sociais de que o Brasil carece», *Encontros com a Civil. Brasileira*, nº 23: 31-40.

SANTOS, Boaventura de Souza:

2000 *A Crítica da Razão Indolente – O desperdício da experiência*. Vol. I. São Paulo: Cortez.

SERRA, Antônio A.:

1980 *Desvio Nosso de Cada Dia: a representação do cotidiano num jornal popular*. Rio de Janeiro: Achiamé.

SOREL, Georges:

1992 *Reflexões sobre a Violência*. São Paulo: Martins Fontes.

TINBERGEN, N.:

1967 *La Vie Sociale des Animaux*. Introduction à la sociologie animale. Paris: Payot.

UNESCO:

1971 «Comprendre l'Agressivité», *Revue Internationale des Sciences Sociales*, Paris, v. xxiii, n° 1.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – Núcleo de Estudos da Violência:

1993 *Os Direitos Humanos no Brasil*. São Paulo: USP – NEV e Comissão Teotônio Vilela (CTV).

VERDIGLIONE, Armando (Textes réunis par):

1978 *La Violence – Actes du Colloque de Milan – 1977*. (2 tomes.). Coll. 10/18. Paris: UGE.

Algumas obras de referência:

BOUDON, Raymond et BOURRICAUD:

1986 *Dictionnaire Critique de la Sociologie*. [«Violence»]. Paris: PUF.

MORA, J. Ferrater:

2001 *Dicionário de Filosofia*, tomo IV [«Violência»]. São Paulo: Loyola.

OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom (eds.):

1996 *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [Anthony Arblaster: «Violência»].

POLIS:

1987 *Enciclopédia VERBO da Sociedade e do Estado*, v. 5, «Violência». Lisboa: Verbo.